



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas**

**INTERFACES LITERÁRIAS BRASIL/CABO VERDE: O CONTO DO  
TOURO BLIMUNDO E O ROMANCE DO BOI MÃO DE PAU**

Eidson Miguel da Silva Marcos (UFBA)<sup>1</sup>

**Resumo**

Em territórios de colonização ibérica, manifestações literárias da oralidade apresentam, por vezes, algumas semelhanças temáticas, dentre outras. Em narrativas protagonizadas por animais antropomorfizados, estes, em alguns casos, encarnam a representação do injustiçado. Tal pode se verificar no “Romance do Boi Mão de Pau”, do poeta nordestino Fabião das Queimadas, e na “História do Touro Blimundo”, conto popular encontrado em países como Cabo Verde. Neste trabalho, portanto, realizaremos uma breve leitura aproximativa entre o romance do Touro Mão de Pau e a história de Blimundo, procurando contemplar aspectos configurantes das duas obras, assim como suas eventuais interfaces.

**Palavras-chave:** Brasil-Cabo Verde. Oralidade. Bois antropomorfizados.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, bolsista Fapesb. E-mail: eidson\_miguel@hotmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A presença do boi nas manifestações religiosas e celebrativas da humanidade é verificável em várias partes do mundo, desde os tempos mais longínquos. A figura bovina se revestindo de uma aura mística, que transcende o mero significado biológico ou biossocial. Ao animal, se associam propriedades mágicas, divinas: o culto ao touro Ápis, no antigo Egito, associava-o aos deuses Osíris e Ptah, sendo metade animal metade deus; na cultura hindu constitui um ente sagrado; em várias celebrações existentes atualmente no Brasil, como o Bumba-meu-Boi<sup>2</sup>, estando o folguedo ligado a celebrações católicas, assume o boi papel de destaque nos 'rituais', revestido que está de qualidades especiais; em trechos do litoral norte do Nordeste brasileiro, o sebastianismo<sup>3</sup>, mesclado com elementos africanos e indígenas, deu origem à lenda do touro encantado, o qual se revelaria o próprio monarca português desaparecido na batalha de Alcácer Quibir (1578) quando quebrado o encanto. Mito, fé e identidade confluem em torno da figura mítico taurina.

Dessa forma, presente no imaginário humano de várias épocas e lugares, a representação do boi via manifestações artísticas é igualmente abundante ao longo da história. Na literatura, se encontra desde a Bíblia até a chamada literatura popular contemporânea. No Nordeste brasileiro,

O boi passou de elemento básico da economia nordestina a tema de literatura. Forneceu matéria para o cancioneiro dos mais típicos, tantas foram as estórias rimadas em que aparece como personagem principal; destacam-se, entre outras, as do *Rabicho da Geralda*, *Boi Espácio*, *Boi Barroso*, *Boi Surubim*, *Boi Moleque*, *Boi Adão* e a *Vaca do Burel*. (MEDEIROS, 2016, p. 15)

Dessa forma,

A poesia tradicional sertaneja tem seus melhores e maiores motivos no ciclo do gado e no ciclo heróico dos cangaceiros. O primeiro compreende as "gestas" dos bois que perderam anos e

---

<sup>2</sup> Ver "Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão - Dossiê de Registro".

<sup>3</sup> Mito em torno da crença do retorno do rei português D. Sebastião, desaparecido no norte da África em 1578. O regresso do monarca marcaria o início de uma nova era de prosperidade.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

anos nas serras e capoeirões e lograram escapar aos golpes dos vaqueiros. A notícia de um animal arisco, veloz, fugindo aos melhores vaqueiros, corre de fazenda em fazenda e é comentado nas “apartações<sup>4</sup>”. A lenda vai aparecendo. (CASCUDO, s/d, p. 15)

A partir desse ciclo do gado, a figura do boi revestida de toda uma representatividade mística e social vai servir também de matéria de criação para outras formas de expressão artística, com suporte na escrita, na encenação e no áudio visual, por exemplo. Nessas narrativas, portanto, o animal aparece dotado de habilidades especiais, por vezes fantásticas, encarnando papel deflagrador de representações como o do injustiçado e/ou da própria justiça, dentre outros.

N’A *História do Boi Misterioso*, uma das obras mais conhecidas do paraibano Leandro Gomes de Barros, um dos principais precursores da literatura de cordel no Brasil, o touro não só apresenta as características inerentes à espécie potencializadas: “Ele nunca achou riacho/Que de um pulo não saltasse/E nunca formou carreira/Que com três léguas cansasse,/Como nunca achou vaqueiro/Que em sua cauda pegasse.” (BARROS, 1987, p. 3), como se apresenta dotado de propriedades sobrenaturais, como a capacidade de falar: “Ali o vaqueiro viu/Um touro preto chegar./Então os vultos disseram:/– São horas de regressar./ Disse o touro: – Montem em mim,/Que o galo já vai cantar.” (BARROS, 1987, p. 5).

Da tradição oral e do cordel, Luís Jardim tirou material para *O Boi Aruá*, no qual o animal, encantando, leva o fazendeiro Lourenço, pela quebra de sua soberba, ao caminho da humanização. O boi encarna o próprio princípio religioso

---

<sup>4</sup> “Apartação foi sempre um termo usado, muito especialmente no Nordeste, para separar o gado, isto é, dividir o gado. No Nordeste o gado era criado junto, não havia cercado para dividir as propriedades. Os fazendeiros de uma região criavam em conjunto, no mesmo pasto. Quando chegava o mês de junho começavam a juntar o gado num determinado local para separá-lo; cada um levava o seu, ferrava os bezerros, separava as vacas paridas, as amojadas, os bois de venda, pegava os barbatões, isto é, aqueles bois que haviam escapado de serem ferrados nas outras apartações.” (ALVES, 1986, p.16)



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

cristão ao deflagrar a punição da arrogância e a recompensa da humildade, alcançada pela humilhação de quem se exaltava perante o mundo e perante Deus. A exemplo de Luís Jardim na prosa, Joaquim Cardozo transportou esse mesmo material popular para sua dramaturgia. *N'O Coronel de Macambira: Bumba-meu-boi em dois quadros*, Cardozo fez do boi malhado uma metáfora do próprio país, enfatizando suas desigualdades e estabelecendo uma crítica às suas elites, que objetivam a exploração predatória do boi: “Há aqui nesta região/ Um famoso boi malhado/ Por si só uma riqueza,/ Pois daria, bem talhado,/ Fortuna de uma grandeza” (CARDOZO, 2005, p. 24), enquanto os tipos populares buscam sua salvação: “Vamos a terras distantes/ Que Deus me ajude e perdoe/ Mas tudo hei de cometer/ Para salvar este boi.” (CARDOZO, 2005, pp. 48-49).

No cinema, *Boi de Prata*, de 1980, também explora o potencial mítico e simbólico do boi, em especial do Boi Calemba, “versão potiguar do Bumba-meu-boi nordestino” (GURGEL, 2006, p. 104). Do folguedo popular parte a resistência, a partir da representação das tensões do plano social, do povo frente à exploração das elites. O duelo final entre o boi e o fazendeiro explorador encena a luta travada no plano real, saindo vencedor nessa teatralização o oprimido. Já a figura do touro prateado simbolizaria a esperança, o caminho em direção a um mundo melhor. Verifica-se, assim, um trânsito entre uma cultura dita popular, com marcado suporte oral e mnemônico, e uma cultura com suporte impresso, cênico e audiovisual. Dessa forma, a partir de gêneros da literatura oral, narrativas centradas na figura do boi se tornaram emblemáticas, casos de exemplares da narrativa tradicional cabo-verdiana e do romanceiro nordestino.

No tocante à Literatura Oral, Luís da Câmara Cascudo nos aponta que essa “literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade.” (CASCUDO, 2006, p. 21). Nesse sentido, duas seriam as principais fontes de sua manutenção:

Um exclusivamente oral, resume-se na estória, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças cantadas, danças de



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas xácaras e romances portugueses com solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. (CASCUDO, 2006, p. 22).

A outra fonte de manutenção seria a fixação escrita, seja através da literatura de cordel, seja através dos romanceiros, “coleção desses romances que nos foram legados pelos colonizadores portugueses, acrescidos de outros criados aqui mesmo, no Brasil.” (GURGEL, 2006, p. 67). É através desses romanceiros e da recolha feita por etnógrafos como Câmara Cascudo e Deífilo Gurgel que obras como as de Fabião das Queimadas chegaram até o presente<sup>5</sup>, juntamente com a indispensável atuação da memória coletiva.

Apresentando uma marcada contribuição de matrizes ibéricas e africanas, a literatura oral brasileira estabelece interfaces com manifestações da oralidade de contextos “d’além mar”. No arquipélago africano de Cabo Verde, onde a colonização lusitana principiou em meados do século XV e culminou em intenso processo de miscigenação cultural das ilhas,

A literatura oral é uma densa fonte instrumental transmitida de geração em geração, que serve para fixar hábitos, conhecimentos, normas de existência ou princípios básicos de convivência, sendo um património documental e histórico de inestimável valor. Foi uma arte cultivada ao longo do tempo e constitui uma memória histórica e sociológica riquíssima. A sua função é inegavelmente pedagógica pois aí se encontram ensinamentos, regras de conduta, orientações morais no seu duplo sentido psicológico e vivencial, recheados de uma sabedoria natural e empírica, profunda e altamente metafórica. (SPÍNOLA, s/d, p. 36)

A literatura oral cabo-verdiana também apresenta um interessante repertório de gêneros, como os registrados por João Lopes Filho em sua

---

<sup>5</sup> Deífilo Gurgel, dentre outros, registrou uma interessante quantidade poemas e romances de Fabião das Queimadas, como fez no *Romanceiro Potiguar*.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

*Contribuição para o Estudo da Cultura Cabo-Verdiana*, onde temos algumas “reliquias do passado inseridas na rica tradição oral (constituída por um vasto rol de estórias, lendas, credices e superstições, tabus e medos, ditos, provérbios, anedotas, adivinhas, termos tradicionais...)” (FILHO, 1983, p. 53). As relações entre as tradições ibérica, cabo-verdiana e brasileira são ressaltadas por Daniel Spínola, que enxerga em alguns gêneros da oralidade de Cabo Verde “um eco do romanceiro português, que possui os mesmos pressupostos, assemelhando-se, às vezes, à literatura de cordel do Brasil, pela forma popular, humorística e satírica do seu conteúdo.” (SPÍNOLA, 2004, p. 7).

A preservação desses gêneros e obras se dá pela recolha de pesquisadores e pelo exercício mnemônico e performático da contação de estórias feita pelos *griots*: “antigos contadores e contadoras de histórias, com ênfase no seu trabalho memorialista e performático” (QUEIROZ, 2007, p. 12), onde a palavra falada, a entonação, a gestualidade corporal, o incremento de objetos ou de algum instrumento musical se insere como elemento narrativo. Nesse cenário, o boi também aparece como figura central de narrativas, como no conto do touro Blimundo e no romance do boi Mão de Pau.

O *Romance do Boi Mão de Pau* foi composto em sextilhas de sete sílabas poéticas, com rimas nos versos pares, o 2º, o 4º e o 6º, por Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha, que veio ao mundo como escravizado na fazenda Queimadas, propriedade do Capitão José Ferreira da Rocha, área situada dentro do atual município de Lagoa de Velhos, no Estado do Rio Grande do Norte. O topônimo Queimadas seria agregado ao seu primeiro nome, formando assim o epíteto pelo qual ficaria conhecido o poeta: Fabião das Queimadas.

Em seu romance <sup>6</sup> do “Boi da Mão de Pau”, Fabião utiliza-se de um recurso bastante recorrente nas criações literárias ditas populares, que é a antropofomização. Assim, o sujeito lírico que narra é encarnado pelo próprio

---

<sup>6</sup> “Romances são poemas musicados, cujas raízes mais profundas mergulham na Idade Média (476-1453 d. C) (...) Eram longos poemas, com centenas de estrofes, transmitidos oralmente, antes do advento da imprensa e perpetuados fielmente, pela memória popular.” (GURGEL, 2006, p. 67).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

animal, que assume um papel de narrador e trata de contar suas aventuras: “Vou puxar pelo juízo/ Para saber-se quem sou./ Prumode saber-se dum caso,/ Talqual ele se passou./ Que é o Boi liso vermelho,/ O Mão de Pau corredor!” (ROCHA in CASCUDO, s/d, p. 89).

A voz narrativa do Mão de Pau apresenta, no entanto, uma peculiaridade: enfatiza a insatisfação do animal com sua injusta condição de perseguido e preso: “Foi-se espalhando a notícia,/ Mão de Pau é valentão./ Tando eu enchocalhado,/ Com as algemas na mão,/ Mas nada posso dizer,/ Que preso não tem razão.” (ROCHA In CASCUDO, s/d, p. 89) e “Sei que não tenho razão,/ Mas sempre quero falá,/ Porque além d’eu estar preso/ Querem me assassinar.../ Vossamecês não ignorem;/ A defesa é naturá...” (idem). Os versos ressaltam a natural busca por defesa de quem sofre injustiças: “Vossamecês não ignorem;/A defesa é naturá...” (idem). Nesse sentido, se afigura lícito buscar referências na experiência de vida deflagrada pela condição étnica e social do poeta para a construção desse aspecto caracterizador do boi que narra seu próprio romance.

A perseguição empreendida pelos vaqueiros se afigura injusta e mesmo dispondo de força física e agilidade fora do comum o Mão de Pau padece em face dela, a qual termina com sua captura e condução “d’argema na mão” para longe de sua terra de nascimento, numa situação que remete à condição dos africanos trasladados para o continente americano no período escravocrata: “Adeus Cacimba do Salgado,/ E poço do Caldeirão,/ Adeus Lagoa da Peda,/ E serra do Boqueirão,/ Diga adeus que vai embora/ O boi d’argema na mão.” (ROCHA in CASCUDO, s/d, p. 93). Desde o princípio do romance em questão, o Boi da Mão-de-Pau se apresenta na condição de cativo, metaforizando assim a condição de escravizado peculiar ao próprio Fabião das Queimadas. No âmbito da produção armorial, Ariano Suassuna opera uma releitura do romance de Fabião no poema *A Morte do Touro Mão de Pau*, no qual retoma a imagem do injustiçado lutando por sua vida e liberdade, representado pelo touro, que metaforiza a trajetória de seu próprio pai. Situação semelhante ao do boi Espaço em versão recontada em suporte escrito por Rogério Andrade Barbosa, onde a figura do boi é associada ao



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

escravo que se rebela e foge do cativo, pois não “havia nascido para viver acorrentado” (BARBOSA, 2005, p.107). Representação do injustiçado também verificável em Blimundo.

Em uma das versões do conto de Blimundo, registrado em Cabo Verde, o boi é, a exemplo do que também se verifica no romanceiro e na literatura de cordel do Brasil, antropomorfizado. Blimundo é amante da paz e da liberdade, detendo qualidades físicas e morais superiores, o que acaba por despertar a insatisfação do Senhor Rei, que se opõe ao que vê representado no touro. Decidido a dar fim a Blimundo, Senhor Rei envia algumas expedições para capturar o boi vivo ou morto. Os capturadores enviados são derrotados sucessivamente pelo poder do boi, Senhor Rei, então, envia um menino que encanta Blimundo com música, levando-o à presença do monarca sob falsas promessas. Na presença de Senhor Rei, Blimundo tem a garganta cortada por um barbeiro que supostamente iria cuidar de sua aparência, antes de morrer, porém, o boi mata o rei com uma patada.

Na versão d’A *História de Blimundo*, recriada em suporte escrito por Leão Lopes, o caráter de exploração entre grupos sociais ganha mais ênfase, uma vez que Senhor Rei explicita seu temor na amplitude e ampliação do gesto de Blimundo. No caso dos demais “bois” adotarem a mesma atitude libertária, o reino ficaria sem mão de obra, sem fonte de obtenção de recursos, além do mais, a não observância da ordem estabelecida pelos valores reais, a autonomia de pensamento e de condução da vida incomodam demasiadamente a autoridade representada por Senhor Rei. Em versões performatizadas por contadores e contadoras de estórias como Celina Pereira, Blimundo é retratado como um trabalhador do Senhor Rei que se rebela diante da exploração a que é submetido. Como fugitivo, Blimundo sofre a perseguição dos asseclas do Senhor Rei até o desfecho com a recaptura e o atentado sofrido pelas mãos do barbeiro.

Ao representar a justiça e a liberdade, Blimundo tem na figura do Senhor Rei um antagonista, que não consente em tais valores e por isso empreende perseguição, captura e morte do boi. Assim como se verifica no *Romance do Boi*



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

*Mão de Pau*, no conto de Blimundo o boi encarna a figura do injustiçado, ou a da própria justiça, perseguida e aviltada pelos seus antagonistas, afigurando-se a luta contra a perseguição, contra os estratagemas e investidas dos que objetivam retirar a liberdade legítima e conformadora de um valor ético superior.

A figura do boi, portanto, ligada também ao sagrado em culturas milenares, apresenta na literatura oral e em suas releituras pelo cordel, prosa, teatro e cinema uma associação a representações e modelos a serem elevados, que deflagram, também, uma leitura crítica da retirada de liberdade do indivíduo por via da perseguição injusta e da escravidão, por exemplo. Autores como Câmara Cascudo atribuem esse modo de representar personagens, ligadas a elementos da sociedade, a características de um tradicionalismo medieval ibérico, conservadas como arquétipos em gêneros literários da oralidade, que “empresta as suas personagens a finalidade ética de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e de referência.” (CASCUDO, s/d, p22). Tal repertório aludido por Cascudo, operado por agentes culturais que na maioria das vezes não têm acesso aos gêneros e aos meios mais prestigiados de difusão de cultura, configuraria uma bagagem de recursos estéticos, estilísticos e ideológicos para a propagação de pontos de vistas acerca da história e das relações sociais, dentre outras questões. Teríamos, desse modo, uma representação, um registro do ponto de vista do que não estava/está no topo de uma hierarquia social, do que não dispõe de gêneros e recursos de difusão oficiais e legitimados pelas instituições de poder, a exemplo do escravizado, onde o boi fala, representando tais agentes populares, como fazem Blimundo e Mão de Pau.

#### REFERÊNCIAS

ALVES, Celestino. **Vaqueiros e Vaquejadas**. Natal: EDUFRN, 1986.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Contos de Encantos, Seduções e Outros Quebrantos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BARROS, Leandro Gomes de. **História do Boi Misterioso**. São Paulo: Luzeiro, 1987.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão – Dossiê do Registro como Patrimônio Cultural do Brasil.** São Luís: Iphan, 2011.

CARDOZO, Joaquim. **O Coronel de Macambira: Bumba-meu-boi em dois quadros.** 4 ed. Natal/Recife: EDUFRN & Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e Cantadores.** Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

FILHO, João Lopes. **Contribuição para o Estudo da Cultura Cabo-Verdiana.** Lisboa: Ulmeiro, 1983.

GURGEL, Deífilo. **Romanceiro Potiguar.** Natal: Fundação José Augusto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Tempo do Folclore Potiguar.** 2 ed. Natal/RN: Governo do Estado do RN, 2006.

JARDIM, Luís. **O Boi Aruá.** 20 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LOPES, Leão. **A História de Blimundo.** Praia/Mindelo: edição do autor, 1982.

MEDEIROS, Irani (Org.). **No Reino da Poesia Sertaneja/Leandro Gomes de Barros.** 3 ed. João Pessoa: Patmos Editora, 2016.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **As Inscrituras do Verbo:** dizibilidades performáticas da palavra poética africana. Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Recife: UFPE, PGLetras, 2007.

RIBEIRO Jr, Augusto. **Boi de Prata.** [filme]. Produção de Embrafilme, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte e Augusto Ribeiro Jr, direção de Augusto Ribeiro Jr. Caicó/RN, Embrafilme, 1978/79. VHS, 95 min. aprox. color. son.

ROCHA, Fabião Hermenegildo Ferreira da. "Romance do Boi da Mão de Pau". In: CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores.** Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

SPÍNOLA, Daniel. **A Cultura Cabo-Verdiana e suas Raízes Etno-Culturais.** Disponível em: <http://caboverde.vozdipovo-online.com/content/view/19/37/1/59/>, em formato pdf. Acesso em: 10 de set 2016.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

\_\_\_\_\_. **Cabo Verde, as Ilhas da Morabeza.** Disponível em: [aguacv.iolasite.com/resources/cabo\\_verde\\_site\\_final\\_revisto](http://aguacv.iolasite.com/resources/cabo_verde_site_final_revisto), em formato pdf. Acesso em 15 de out 2016.

SUASSUNA, Ariano. **Poemas.** Seleção, organização e notas Carlos Newton Júnior. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1999.

Sites consultados: <http://contosdeadormecer.wordpress.com/2010/06/17/o-conto-de-blimundo-cabo-verde/>